
REVISTA TAKA'A

Histórias em quadrinhos nas aulas de língua portuguesa na FAINDI

Comic books in Portuguese language classes at FAINDI

Lucimar Luisa Ferreira
Universidade do Estado de Mato Grosso
<https://orcid.org/0000-0001-6105-4684>

RESUMO

Neste trabalho apresentamos o relato/análise de uma experiência de ensino de língua portuguesa desenvolvida com acadêmicos/professores indígenas da Licenciatura (FAINDI - Faculdade Indígena Intercultural) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). O ensino de português foi desenvolvido a partir da leitura e da produção de histórias em quadrinhos, visando a organização de um livro com textos escritos pelos acadêmicos. A experiência foi realizada no Câmpus de Barra do Bugres - MT, na turma de Línguas, Artes e Literaturas, em julho de 2015. O objetivo deste texto é discutir/refletir sobre estratégias de ensino de língua portuguesa a partir da leitura e produção de histórias em quadrinhos. Com base no relato da experiência de ensino, promover uma discussão sobre como o professor pode ensinar língua portuguesa, proporcionando aos estudantes indígenas espaço de produção de leitura/interpretação e de textos culturalmente significativos. Com o desenvolvimento das atividades, foi possível compreender que o trabalho com histórias em quadrinhos com estudantes indígenas pode ser uma estratégia pedagógica que facilita a aprendizagem das línguas, favorecendo o uso da escrita dentro e fora da escola da aldeia.

Palavras-chave: Ensino; Língua Portuguesa. Acadêmicos Indígenas. Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

In this work we present the report/analysis of a Portuguese language teaching experience developed with indigenous academics/teachers from the Bachelor's Degree (FAINDI - Faculdade Indígena Intercultural) at the State University of Mato Grosso (UNEMAT). Portuguese teaching was developed from reading and producing comic books, aiming to organize a book with texts written by academics. The experience was carried out at the Barra do Bugres Campus - MT, in the Languages, Arts and Literatures class, in July 2015. The objective of this text is to discuss/reflect on Portuguese language teaching strategies based on reading and producing stories in comics. Based on the report of the teaching experience, promote a discussion on how the teacher can teach the Portuguese language, providing indigenous students with space to produce reading/interpretation and culturally significant texts. With the development of the activities, it was possible to understand that working with comic books with indigenous students can be a pedagogical strategy that facilitates language learning, favoring the use of writing inside and outside the village school.

Keywords: Teaching; Portuguese language. Indigenous Academics. Comics.

INTRODUÇÃO

Em uma escola indígena, na qual o processo de ensino escolar é bilíngue ou multilíngue, a língua portuguesa precisa ser ensinada a partir de textos significativos em termos sociais e culturais, proporcionando melhoria na aprendizagem dos alunos. Nessa perspectiva, o ensino de português carece ser desenvolvido a partir das práticas de escrita inseridas no contexto de vivência cotidiana dos estudantes.

Como na vida real nunca se lê ou escreve à toa, sem um motivo para tanto, e também nunca se lê ou escreve palavras ou sentenças soltas, fora de contextos e práticas sociais, os estudantes poderão aprender com mais facilidade se o ensino for feito por meio de textos usados nas diferentes esferas da sociedade. Nesse sentido, o estudante indígena pode perceber que ler e escrever são atividades úteis e importantes dentro e fora da escola da aldeia.

Em relação ao fazer pedagógico indígena no contexto das práticas de leitura e produção escrita, tudo depende do conhecimento que o estudante tem da língua, dos objetivos, da política linguística, do uso das línguas e da circulação de materiais escritos na escola e na comunidade. Com essa compreensão, pensar o ensino de língua portuguesa na aldeia, a partir das práticas sociais, pressupõe o trabalho pautado em textos que abordem temáticas e conhecimentos particulares dos povos. E, trabalhar textos, de forma significativa para os estudantes indígenas de um determinado povo, implica pensar o seu uso e sua circulação dentro e fora do espaço da aldeia. Além disso, a história de relação de cada comunidade com a variante padrão escrita da língua portuguesa é um aspecto que não pode ser ignorado.

Levando em consideração todos esses aspectos levantados, a experiência de ensino de língua portuguesa¹ relatada e analisada neste estudo, foi proposta e desenvolvida a partir de textos em quadrinhos. O componente curricular “Leitura e produção de textos IV: histórias em quadrinhos no ensino de línguas” foi ministrado na turma de “Línguas, Artes e Literaturas” – FAINDI, no Câmpus Universitário Dep. Estadual Renê Barbours – UNEMAT - Barra do Bugres – MT, no ano de 2015. O objetivo geral da disciplina foi capacitar o acadêmico/professor para o ensino de línguas no Ensino Fundamental e Médio nas escolas indígenas das aldeias, através da leitura/interpretação e da produção de histórias, partindo de situações do cotidiano e da cultura indígena.

¹ As aulas de Língua Portuguesa no processo de formação de professores indígenas são ministradas numa perspectiva de ensino de segunda língua.

Com o intuito de alcançar o objetivo, o trabalho proposto na disciplina foi subdividido em duas partes. Na primeira parte, foram desenvolvidas atividades de leitura/interpretação e produção de textos em quadrinhos, tendo como propósito final, a organização de um livro com as histórias produzidas pelos acadêmicos/professores da turma, formada por estudantes de vários povos. Na segunda parte, foram trabalhadas atividades teóricas e de reflexão sobre o ensino de línguas nas escolas indígenas e o planejamento de sequências didáticas para serem desenvolvidas nas escolas das aldeias. Com essa perspectiva, o objetivo deste texto é discutir como as histórias em quadrinhos podem constituir objetos de ensino de língua portuguesa a estudantes indígenas, visando maior entendimento dos cursistas em relação aos diferentes aspectos linguísticos e extralinguísticos da língua e os gêneros em quadrinhos dentro de seus contextos de produção e circulação.

A partir de uma fundamentação teórica baseada em autores como: Bakhtin (1979 [2003]), Pêcheux (1995, 1997); Orlandi (1988; 1996; 1999; 2001; 2002; 2007), Antunes (2007; 2009; 2010), Bagno (2002), Travaglia (2002), Brandão (2011) Rojo (2000), Schneuwly; Dolz (2004), Menezes (2003), Libâneo (2011) e Ramos (2014) discutimos a necessidade e a possibilidade de ensinar língua portuguesa a partir de uma concepção de linguagem entendida como interação e discurso, dando significado para as atividades com textos, principalmente, leitura/interpretação e a produção de histórias em quadrinhos na sala de aula das escolas das aldeias.

Funcionamento social da língua e o ensino

Com a compreensão de que uma língua não é apenas uma forma de expressão do pensamento e/ou um sistema de comunicação, com regras abstratas, fechado em si mesmo, a mudança na prática do ensino de língua toma espaço nos debates.

A partir dos estudos realizados por autores como Bakhtin e Pêcheux é possível compreender que as práticas de ensino que tomam como base a literalidade da linguagem e coloca o foco nos aspectos gramaticais precisam ser questionadas, repensadas. Isso porque tomar a língua em sua dimensão de interação e discurso, pressupõe uma compreensão do seu funcionamento. Nesse sentido, o ensino precisa ser proposto a partir de atividades nas quais a língua esteja em uso em diferentes esferas e práticas sociais.

Embora, em perspectiva, os fundamentos bakhtinianos² e os pechetianos³ sejam distintos no que se refere à compreensão da relação do sujeito com a linguagem e o social, para esses autores a estrutura da língua precisa ser abordada a partir de seu funcionamento na sociedade e esse é um ponto que aproxima as duas linhas teóricas.

Nesse caso, apesar dos pressupostos teóricos de Bakhtin e de Pêcheux serem diferentes, o deslocamento do enfoque gramatical (estrutural) para o funcionamento da língua em enunciados e discursos pode ser produtivo em termos de elaboração de propostas de ensino de língua.

De acordo com Pêcheux (1997), a linguagem tem uma relação necessária com a sua exterioridade histórica e ideológica. Isso equivale a dizer que a linguagem tem seu funcionamento marcado pelo que está fora de sua estrutura, o sujeito e a história. O sujeito e o sentido se constituem na/pela linguagem e as condições sócio-históricas são determinantes no funcionamento do discurso.

Para Bakhtin (2003), a linguagem humana é dialógica e, fundamentalmente, ligada ao fazer humano. Para esse autor, o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) e cada enunciado particular é individual. Cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais recebem a denominação de gêneros do discurso. Os gêneros são inúmeros e cada um reflete as condições específicas e as finalidades de cada campo através de seu conteúdo, estilo e construção composicional.

Assim, os gêneros são historicamente criados a fim de atender determinadas necessidades de interação verbal. Nesse caso, a língua é entendida como um elemento de interlocução entre as pessoas em suas práticas sociais e esferas de atividades. Para Antunes (2010), os gêneros constituem textos em circulação. São “modelos” historicamente criados para atender necessidades da interação verbal. Eles são inúmeros e cada um reflete as condições específicas e as finalidades de cada campo de utilização e esfera da sociedade.

Para Travaglia (2002, p. 23), com o avanço dos estudos, é possível pensar o ensino de língua a partir de uma concepção que considera “a linguagem como forma ou processo de

² Com os fundamentos de Bakhtin (1979 [2003]), outros autores como Schenewly; Dolz (2004) e Rojo (2000) propõem um trabalho de ensino de língua na escola, partindo de textos de diversos gêneros primários e secundários. Ao abordar os gêneros discursivos, o foco é deslocado da estrutura gramatical para o funcionamento da língua nas diferentes atividades e esferas.

³ Com os fundamentos de Pêcheux (1995, 1997), outros autores como Orlandi (1996, 2001), Pfeiffer (1995) e Gallo (1992, 2008) discutem a possibilidade da quebra da circularidade do discurso pedagógico e a ocupação de uma posição de autoria por parte dos alunos na produção de textos na escola.

interação”. Nessa concepção, o ensino se dá por meio de textos inseridos nas práticas e atividades sociais, valorizando o contexto do estudante. Para Travaglia (2002, p. 23): “Nessa concepção o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor)”.

Nesse sentido, a linguagem como interação compreende que os interlocutores interagem com variados intuitos, buscando, através da linguagem, adquirir e fornecer informações, conhecimentos e novos saberes. Nessa concepção, o sujeito é visto como um ser social que usa a linguagem para agir, atuar sobre o outro e sobre o mundo. Ele é um ser histórico e constituído linguisticamente.

De acordo com Menezes (2003), com a ampliação da compreensão do fenômeno da linguagem, a partir dos avanços dos estudos linguísticos, o ensino da língua passa ser discutido no âmbito do funcionamento dos textos produzidos nas atividades e práticas sociais. Essa interpretação transforma-se em entendimento de que o ensino de língua visa trabalhar com textos de circulação social, buscando o letramento e a valorização do conhecimento prévio do estudante fora da sala de aula.

Tomando como base os pressupostos desses autores e muitos outros dessas linhas teóricas, é possível considerar que o foco das atividades de ensino de língua precisa ser o texto em seus mais variados usos e contextos sociais. O tratamento da estrutura gramatical continua relevante, mas deverá ser abordada apenas a partir da produção dos textos. Nessa compreensão, para Antunes (2007, p. 20),

[...] o uso de determinada língua constitui mais que um fato isolado. É mais que um fato especificamente linguístico, vocal ou gráfico. É mais que um exercício prático de emissão de sinais. É um ato humano, social, político, histórico, ideológico, que tem consequências, que tem repercussões na vida de todas as pessoas. É um fato pelo qual passa a história de todos, o sentido de tudo.

Assim, a partir desse enfoque, mais do que treinar regras gramaticais, o ensino de língua precisa possibilitar a criação de espaço para a produção de leitura e de textos, dando ao estudante condições de ocupar uma posição de autoria, entendendo a autoria como a possibilidade de filiação do sujeito a um discurso legitimado, o discurso da escrita (Gallo,

1992). Isso porque mais do que falante ou escrevente, o estudante é um sujeito que interpreta e tem uma posição⁴ na sociedade, na sua comunidade e na sua escola (Ferreira, 2021).

O texto no ensino de língua portuguesa

O texto pode ser conceituado de diferentes formas, dependendo da concepção de linguagem e da corrente teórica com a qual se trabalha. Numa perspectiva discursiva, o texto é um objeto linguístico e histórico que dá sentido às palavras. Para Orlandi (2001, p. 12), “a organização do texto não expressa concepções de mundo, mas dá indícios de como o autor pratica significações”. De acordo com Gallo (2008), o ‘texto’ é produzido a partir de uma posição de sujeito do discurso (efeito-autor), que produz, simultaneamente, o efeito de realidade de um outro que assim o vê, o lê (efeito-leitor).

Em uma perspectiva da interação verbal, as línguas ocorrem somente sob a forma de textos. Para Antunes, 2009, p. 51),

O texto envolve uma teia de relações, de recursos, de estratégias, de operações, de pressupostos que promovem a sua construção, que promovem seus modos de sequenciação, que possibilitam seu desenvolvimento temático, sua relevância informativo-contextual, sua coesão e sua coerência.

E sendo assim, a autora afirma que o estudo das línguas recobriria mais consistência e mais relevância se o ponto de referência fosse o texto.

De acordo com Brandão (2011), é quase consensual que o ensino de língua deve ser feito a partir de textos. Nesse sentido, é preciso pensar o texto em suas diferentes formas de produção e de significado. Para Brandão (2011), uma dimensão discursiva do texto pressupõe uma concepção sociointeracionista de linguagem centrada na problemática da interlocução. E, uma abordagem que privilegie a interlocução deve reconhecer tipos diferentes de textos, com diferentes formas de textualização, visando a diferentes situações de interlocução. O reconhecimento disso tem levado os estudiosos da linguagem à busca de uma classificação dos diferentes gêneros textuais/discursivos.

Assim, uma das propostas que vem sendo amplamente discutida, dando respostas práticas ao problema da falta de significado nas aulas de língua portuguesa, é o uso de textos

⁴ Os sujeitos do discurso, nessa abordagem teórica, são posições e essas posições correspondem às projeções imaginárias dos lugares sociais que estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. As posições são constituídas a partir do funcionamento das formações imaginárias, que sustentam, também, o jogo de antecipações que configuram a interlocução. Pelo mecanismo de antecipação, o sujeito antecipa-se a seu interlocutor quanto ao sentido de suas palavras.

de circulação social nas atividades desenvolvidas na escola. Dentre os textos que podem ser usados estão as histórias em quadrinhos que, de alguma forma, pode fazer parte do cotidiano dos alunos. O ensino de português através de textos desenvolverá no estudante um aprendizado significativo, pois faz parte do seu contexto e da sua realidade.

O conhecimento prévio dos alunos em relação aos textos em quadrinhos produzidos facilita a sua compreensão a respeito de aspectos linguísticos e extralinguísticos. Por outro, nas aulas de leitura/interpretação e produção de textos, os alunos podem produzir histórias em quadrinhos, desenvolvendo a sua capacidade de criação, escrita e ilustração.

A leitura/interpretação e produção de textos em quadrinhos

De acordo com Menezes (2003, p. 9), “ler é uma atividade que exige basicamente as habilidades de fazer perguntas a um texto, de buscar respostas e saber onde encontrá-las”. Assim, ler é dialogar com o texto, no sentido mais amplo possível, é também elaborar questões procedentes sobre a informação que se recebe. Nesse sentido, o trabalho de leitura de textos em quadrinhos nas aulas de língua portuguesa, pode ser muito produtivo em relação à compreensão da linguagem verbal e não verbal. Além disso, já que as histórias em quadrinhos abordam assuntos variados, pode favorecer o interesse dos estudantes, que sempre procuram conhecer novos assuntos. Os estudantes, geralmente, se interessam pelas ilustrações e, nesse ponto, as histórias em quadrinhos podem favorecer a aprendizagem na sala de aula.

A ideia é levar histórias em quadrinhos para a sala e apresentá-las aos alunos. Nesse processo, fazer a leitura, explicando as especificidades da linguagem dos quadrinhos. Na explicação, falar sobre a relação entre as imagens e os textos escritos. Tratar também dos tipos de balões, cores e tipos de letras. Além disso, fazer uma observação geral dos aspectos gráficos das histórias em quadrinhos.

Com essa apresentação geral das histórias aos alunos, o professor pode propor uma leitura introdutória de textos escolhidos por eles. Vários textos em quadrinhos podem ser espalhados em uma mesa e os alunos (sozinhos, em duplas ou em trios) vão procurar e ler sobre os assuntos que lhes interessam no momento. Esses textos lidos podem, depois, serem expostos pelos alunos numa roda de conversa, propiciando o destaque de aspectos relevantes desse tipo de publicação na perspectiva dos alunos.

Essa primeira aproximação de leitura, o texto em quadrinho pode ser usado porque, dependendo da turma, os alunos nunca tiveram a experiência de ler uma história em quadrinhos. Nesse caso, o que se pretende é mostrar aos estudantes o que é uma história em quadrinhos, destacando os efeitos de sentido proporcionados pela relação entre linguagem verbal e não verbal. Mesmo que os alunos não tenham história de leitura (Orlandi, 1998) suficiente para a interpretação de uma determinada história, eles podem fazer questionamentos a partir do pouco que conhecem/compreendem daquele assunto. Usando a prática do questionamento, todo aluno pode ler qualquer texto, mesmo que seja “difícil” e ele não consiga entender com profundidade o assunto abordado.

Mas a leitura de uma história em quadrinhos na sala de aula precisa ser planejada e acompanhada, tendo em vista a complexidade das histórias e o processo iniciante dos leitores. O professor pode encorajar os alunos na leitura, através de uma prática que valoriza o que ele já sabe. Nesse caso, o professor pode discutir estratégias de leitura de textos sobre temas que os alunos se interessam. Para isso, o professor precisa de textos em quadrinhos que abordem variados assuntos ligados ao contexto dos alunos.

Todo esse trabalho de leitura de histórias em quadrinhos poderá ajudar os estudantes a começarem a ler por interesse próprio, fazendo uma leitura crítica (questionadora) dos assuntos que lhes interessam. Para Menezes (2003), o prazer de ler e de fazer perguntas ao texto nasce no aluno, podendo acontecer no decorrer das atividades de sala de aula. Nesse sentido, podemos concordar com a autora quando afirma que desperta-se o hábito da leitura sem impor textos aos alunos. Com a compreensão dos textos em quadrinhos, os estudantes podem começar a procurar e ler outros textos, publicados em outros suportes e que circulam em outros espaços.

De acordo com Orlandi (1988), todo leitor tem uma história de leitura e é a partir dessa história, que ele interpreta os novos textos. No caso que estamos discutindo, a leitura de textos em quadrinhos na sala de aula, no Ensino Fundamental, Médio e até na Licenciatura, pode favorecer aos estudantes indígenas em vários aspectos, pois eles terão a sua história de leitura alargada, podendo melhorar suas interpretações de variados textos. Para Viana e Silva (2000, p. 83): “Não basta, por exemplo, incentivar somente o gosto pela leitura, é primordial que se desenvolva nos alunos a capacidade de bem interpretar o que lêem, num processo que chamaremos de amadurecimento da leitura crítica”.

Com a leitura das histórias em quadrinhos, os alunos podem se tornar mais críticos, pois vão compreender assuntos da atualidade e alargar sua compreensão sobre diferentes temas

da contemporaneidade. Com o desenvolvimento de várias leituras, eles vão se tornando mais amadurecidos em relação aos assuntos e linguagem das histórias.

Acompanhando o trabalho de produção de leitura, os alunos do Ensino Fundamental, Médio ou Superior podem produzir textos em quadrinhos. Nos textos em quadrinhos, além de diferentes estratégias de leitura, o professor mediador (Libâneo, 2011) poderá escolher alguns aspectos linguísticos para fazer um estudo mais aprofundado com a turma. Com esses aspectos escolhidos, o professor poderá planejar e desenvolver uma sequência didática (Schneuwly; Dolz, 2004), com vistas a proporcionar aos estudantes uma compreensão ampliada dos aspectos linguísticos e extralinguísticos dos textos.

A produção de um determinado texto em quadrinhos depende de um contato maior dos alunos com essa forma de textualização, dando a eles compreensão do conteúdo, da forma composicional e da linguagem desses gêneros. Antes da produção textual, o trabalho de aprofundamento dos gêneros é importante para os alunos, já que eles precisam dominar variados aspectos relacionados aos recursos verbais e não verbais a serem utilizados, dependendo da finalidade, do suporte de publicação e do espaço de circulação dos textos. O professor poderá propor atividades que visem maior compreensão de aspectos gramaticais usados na produção escrita. Um exemplo seria trabalhar com modo e tempo verbal numa história em quadrinhos, mostrando os efeitos de sentido. Outro exemplo, seria trabalhar com os elementos coesivos dos textos.

Essas atividades linguísticas poderiam ser propostas, pois os aspectos gramaticais precisam ser recorrentemente trabalhados na sala de aula, só não podem ser o objetivo final das atividades de ensino de língua portuguesa. Os alunos precisam entender a importância do funcionamento gramatical da língua, tendo em vista a produção de textos que cumpram melhor a sua função enquanto prática social.

Em relação a produção escrita, uma história em quadrinhos vai sempre fazer parte de um longo processo de leitura, pois cada texto produzido sempre passará por várias leituras, tendo em vista os leitores previstos na proposta da publicação. A possibilidade de leitura do texto por diferentes atores sociais e em diferentes situações, pode ajudar os alunos na compreensão da importância da revisão dos diferentes aspectos estruturais do texto.

História em quadrinhos na sala de aula

De acordo com Ramos (2014) as histórias em quadrinhos podem ser compreendidas como um hipergênero, isto é, um grande rótulo que agrega vários gêneros: charge, cartum, tira cômica, tira seriada, tira cômica seriada etc. Para o autor, a charge é um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário. De certa forma, ele recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual. Os políticos brasileiros costumam ser grandes fontes de inspiração. O tema de humor presente na narrativa aparece atrelado ao noticiário político. O cartum, embora também seja um texto de humor, não é atrelado a um noticiário. Não estar vinculado a um fato do noticiário é a principal diferença entre a charge e o cartum.

A tira cômica é também um texto de humor que predomina nos jornais brasileiros. A tira seriada é uma história de aventura narrada em partes. Por isso o texto pode também ser chamado de tiras de aventura. E, a tira cômica seriada, como o próprio nome indica, é um tipo de texto que fica na exata fronteira que separa a tira cômica da tira seriada.

Conforme Ramos (2014), os quadrinhos gozam de uma linguagem autônoma, ou seja, usam mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Há na linguagem dos quadrinhos pontos comuns com a literatura, com o cinema, com o teatro etc. Nessa compreensão, os quadrinhos gozam de uma linguagem autônoma, ou seja, usam mecanismos próprios para representar os elementos narrativos. Nessa perspectiva, os quadrinhos são constituídos por alguns elementos específicos, isto é, a história em quadrinhos lida com dois dispositivos de textualização: as palavras e as imagens e essa estrutura híbrida possibilita múltiplas leituras e interpretações.

A experiência de língua portuguesa na FAIND

Na parte inicial do curso, os conteúdos de língua portuguesa foram voltados para a compreensão dos aspectos linguísticos (gramaticais) e extralinguísticos das histórias lidas e produzidas, buscando identificar especificidades do uso da linguagem verbal e não verbal nas histórias. A aula foi iniciada com a leitura de histórias em quadrinhos. Na sequência, os acadêmicos/professores leram uma das histórias coletivamente, destacando os elementos verbais e não verbais mais importantes na construção dos sentidos. Após, os estudantes produziram uma narração escrita da história em quadrinho lida, a qual foi apresentada e discutida na sala de aula. Nessa narração, vários aspectos gramaticais da língua portuguesa

foram abordados (tempo e modo verbal, uso de artigos definidos e indefinidos, adjetivos, pontuação, concordância verbal e nominal).

Nesse trabalho, além da compreensão de aspectos gramaticais relevantes, os acadêmicos discutiram as principais diferenças entre a narração linear de uma história e uma história em quadrinhos. Para complementar a compreensão das especificidades das histórias em quadrinhos, vários outros textos em quadrinhos foram lidos pelos acadêmicos, tendo em vista que o contato com esse tipo de história precisa abarcar os diferentes gêneros e seus espaços de circulação. Depois desse contato através da leitura, foi feita uma exposição sobre as especificidades da linguagem dos quadrinhos, reforçando que elas são importantes no trabalho com leitura e escrita no ensino fundamental e Médio das escolas das aldeias. Todos os alunos gostam de desenhos e vai se interessar bastante pelas histórias contadas através da linguagem verbal (escrita) e a não verbal (desenhos).

Para completar essa atividade, os estudantes fizeram a leitura de mais uma história em quadrinhos. A história foi lida e discutida com a turma em sala de aula. Na discussão, além dos aspectos linguísticos também foram ressaltados os aspectos extralinguísticos importantes na produção dos sentidos nas histórias em quadrinhos. Para uma melhor compreensão da linguagem dos quadrinhos foi realizada uma atividade de criação de diálogos e personagens em grupo. Uma história “Meu primeiro Maluquinho em quadrinhos” de Ziraldo (2011), com apenas desenhos, foi entregue aos alunos. Cada grupo criou os seus diálogos em balões, os quais foram fundamentais na construção dos personagens. Os grupos demonstram boa compreensão da história. O trabalho foi apresentado em plenária e houve bastante debate. No decorrer das apresentações, vários aspectos da história em quadrinhos foram sendo destacados e debatidos. Essa atividade chamou a atenção da turma, pois com os mesmos desenhos, cada um montou uma história um pouco diferente. Aproveitamos esse momento para discutir o papel da interpretação na produção das histórias.

A leitura do texto teórico “A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária” de Waldomiro Vergueiro (2014), foi a atividade proposta na sequência, para dar sustentação teórica ao trabalho já realizado. No decorrer da leitura, os diferentes conteúdos relacionados às histórias em quadrinhos foram sendo abordados: os vários gêneros, o caráter autônomo das histórias em quadrinhos, a estrutura híbrida que possibilita diferentes leituras e a necessidade de produção de roteiros antes de produzir as histórias. Também foram abordados os aspectos estruturais de composição das histórias: o quadro (também chamado de painel ou vinheta), o

requadro, o entorno, a calha. Foi discutido sobre os textos dos recordatários, os diálogos representados nos balões, a onomatopeia, o tipo de letra e as cores. Além disso, também foi discutido que todos esses elementos somam-se às imagens (personagens e cenários) na construção dos sentidos. Para ampliar a compreensão dos acadêmicos/professores, foi proposto a leitura de mais uma história em quadrinhos. Nessa leitura, a turma foi encontrando os elementos estudados e comentando como esses elementos compõem a história e produzem sentidos.

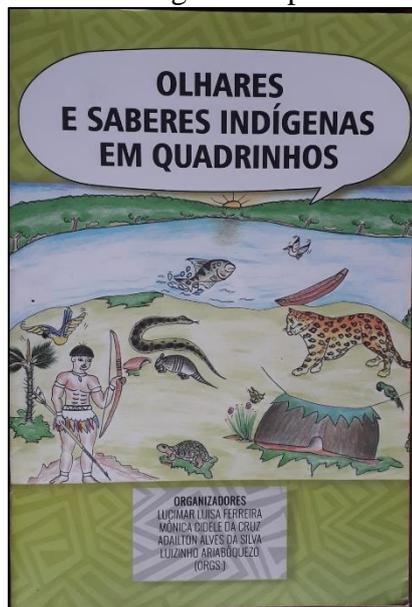
Dando continuidade ao trabalho, acadêmicos produziram seus roteiros para a criação de uma história em quadrinhos significativa em sua cultura. A apresentação do roteiro das histórias foi uma introdução do trabalho de produção dos textos em quadrinhos. Depois da criação dos roteiros, cada acadêmico produziu a sua história que também foi apresentada em plenária. Vários aspectos gramaticais da língua portuguesa foram trabalhados (concordância verbal e nominal, pontuação, ortografia e vocabulário) e a revisão dos textos foi feita.

Com o conjunto das histórias produzidas, foi organizado um livro, o qual foi intitulado “Olhares e saberes indígenas em quadrinhos”. O título foi escolhido através de um processo democrático e coletivo. Cada aluno que quis, propôs um título, que foi anotado no quadro. Depois da lista pronta no quadro, cada um defendeu a sua proposta. Por fim, foi feita uma votação. Nessa votação, venceu o título que obteve mais votos.

Para a produção dos desenhos da capa, foi montado um grupo com componentes eleitos pela turma. Essa eleição aconteceu na sala com a participação de todos os acadêmicos. Alguns foram indicados pela turma e alguns se candidataram para fazer parte da equipe de criação da capa. O grupo criou e produziu os desenhos da capa, demonstrando muita habilidade e criatividade. Os desenhos foram apresentados para o restante da turma, que concordou com o trabalho da equipe.

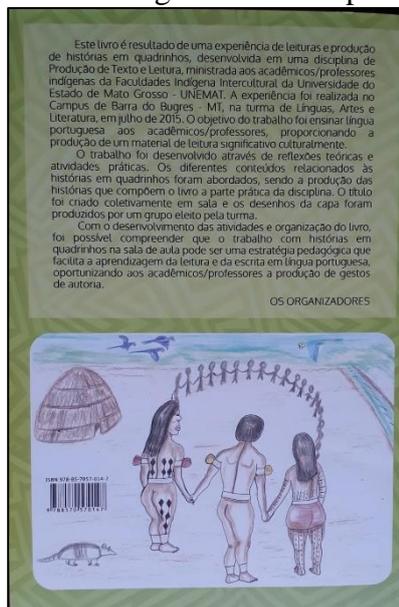
Livro publicado

Fig. 1 – Capa



Fonte: Ferreira et al, 2019.

Fig. 2 - Contracapa



Fonte: Ferreira et al, 2019.

Na segunda parte da disciplina, a partir da leitura de um texto teórico “Os quadrinhos nas aulas de Língua Portuguesa” de Paulo Romos (2014), uma reflexão sobre o ensino de línguas nas aldeias foi realizada. Todas as leituras feitas foram base para essa reflexão. Para completar o trabalho, foi proposta a produção de uma sequência didática de trabalho de ensino de línguas⁵ na aldeia, a partir de histórias em quadrinhos.

No planejamento, os acadêmicos deveriam preparar uma sequência didática, considerando o contexto da sala de aula da aldeia e tudo que já tinha sido abordado nas aulas. A sequência didática poderia ser para o ensino de língua portuguesa ou para o ensino de língua indígena, dependendo do contexto de cada escola e do interesse do graduando/professor.

Os cursistas produziram as sequências individualmente, já que cada um teria que dar a aula na escola de sua aldeia e produzir o relatório. A sequência didática planejada por cada acadêmico em sala foi apresentada em plenária e comentada pela turma. As sequências planejadas foram encaminhadas como atividade da disciplina, para ser desenvolvida na Etapa Intermediária.

A partir do que foi proposto e realizado com os cursistas/professores indígenas em sala de aula, é possível considerar que o papel do professor nas aulas de leitura e produção de texto

⁵ O RCNEI foi consultado pelos alunos nos grupos.

é fazer a mediação entre os estudantes e o conteúdo trabalhado na sala de aula. De acordo com Libâneo (2011, p. 30),

[...] o professor media a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiências e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar. Ao mesmo tempo, o professor ajuda no questionamento dessas experiências e significados.

Assim, numa posição de mediador, o professor poderá discutir sobre aspectos linguísticos e extralinguísticos específicos dos textos em quadrinhos. Ele pode ajudar criar os títulos através de discussões com a turma. O professor pode também discutir a forma de uso da linguagem não verbal própria dos textos em quadrinhos. Todo esse processo de discussão contribui com o desenvolvimento do interesse e participação dos estudantes, já que eles participarão ativamente das decisões a serem seguidas por todos. Esse envolvimento dos alunos nas discussões pode favorecer o compromisso de todos com as atividades em desenvolvimento na sala de aula.

O texto poderá ser produzido e ser revisado várias vezes, garantindo distanciamento em relação à noção de erro (BAGNO, 2002) e favorecendo a espontaneidade dos alunos no momento da sua produção. Sabendo que o texto terá uma revisão da escrita, os estudantes se sentirão mais à vontade para escrever o que sabem e compreendem sobre os assuntos, mesmo que ainda tenham dúvidas sobre aspectos específicos da escrita. A produção de várias versões, ajuda os alunos a revisarem bem os textos produzidos. Nesse sentido, na produção e revisão dos textos, os alunos vão compreender melhor o uso de aspectos específicos da língua padrão escrita.

A revisão dos textos terá um significado real para os estudantes, ou seja, os textos serão corrigidos porque vão circular e ser lidos por muitas pessoas em variadas situações e diferentes esferas sociais. Os alunos corrigirão os textos e aprenderão as regras gramaticais, pois entenderão as regras da escrita numa situação de funcionamento da língua, em um contexto de uso social específico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação da disciplina foi feita através do acompanhamento dos acadêmicos/professores no desenvolvimento das diferentes atividades propostas na disciplina, ou seja, uma avaliação processual. No decorrer do trabalho, durante a semana, os acadêmicos foram sendo acompanhados nas atividades de leitura, produção e revisão dos textos. Nesse processo, foram avaliados a partir da participação e da compreensão dos conteúdos abordados. Também foram avaliados nas apresentações e na participação nos debates.

De forma geral, os acadêmicos desenvolveram muito bem todas as atividades propostas, demonstrando interesse e compreensão sobre os temas e conteúdos ministrados. O maior destaque da turma foi na atividade de produção de diálogos e construção de personagens. A atividade foi desenvolvida em duplas e apresentada em plenária. A elaboração e a apresentação das sequências didáticas também foram bastante significativas para a turma e sua reflexão sobre ensino de línguas através de textos.

A partir do relato da experiência, podemos afirmar que faz-se necessário que, nas aulas de língua portuguesa, o estudante indígena de uma Licenciatura construa um conhecimento de natureza conceitual e compreenda não somente o que a escrita representa, mas também sua forma de uso e circulação no meio social.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Párobola Editorial, 2007 (Estratégia de Ensino;5).
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009. (Estratégias de ensino; 10)
- ANTUNES, Irandé. **Análises de textos: fundamentos e prática**. São Paulo: Parábola, 2010.
- BAGNO, Marcos. Língua materna: letramento, variação e ensino. São Paulo Parábola, 2002.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, (1979 [2003]), p. 261-306.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. (Coord.). **Gêneros do discurso na escola**: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. Ed. 5. São Paulo: Cortez, 2011. (Aprender e ensinar com textos, v. 5)

- FERREIRA, Lucimar Luisa. **Jornais no ensino de português como primeira e segunda língua**: desafios teóricos e práticos. Curitiba: Appris, 2021. (Educação, tecnologias e transdisciplinaridades)
- GALLO, Solange Leda. **Como o texto se produz**: uma perspectiva discursiva. Blumenau: Nova Letra, 2008.
- GALLO, Solange Leda. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 13 ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v. 2)
- MENEZES, Gilda. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.
- MINISTÉRIO DA CULTURA E DO DESPORTO. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC, 1998.
- ORLANDI, Eni. **Discurso & leitura**. Campinas - SP: Cortez, 1988.
- ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas - SP: Pontes, 1996.
- ORLANDI, Eni. Reflexões sobre escrita, educação indígena e sociedade. **Escritos** N° 5, dez. 1999.
- ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.
- ORLANDI, Eni. **Interpretação: autoria, leitura e efeito do trabalho simbólico**. (5 ed.) Campinas: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi; et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, Michel. Análise de conteúdo e teoria do discurso. In F. Gadet; T. Hak (Orgs.), **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania Mariani [et al.]. (3 ed.). Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 61-105.
- PFEIFFER, Claudia R. Castellanos. **Que autor é este?** Campinas: IEL-UNICAMP, 1995. Dissertação de Mestrado.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- RAMOS, Paulo. **Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa**. In: BARBOSA, Alexandre et al. (Orgs). Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2014. (Coleção Como usar da sala de aula)

ROJO, Roxane (org.). **A prática de linguagem em sala de aula**: praticando os PCN's. São Paulo: Mercado de Letras: 2000. (As faces da lingüística aplicada)

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e Colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e Org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004. (As faces da lingüística aplicada).

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º Graus. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: BARBOSA, Alexandre et al. (Orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2014. (Coleção Como usar da sala de aula)

VIANA, Fernando Valeriano; SILVA, Ynaray Joana da. O jornal e a prática pedagógica. In: Chiappini, Lígia. **Aprender e ensinar com textos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

ZIRALDO. **Meu primeiro Maluquinho em quadrinhos** (ilustrações do autor). São Paulo: Globo, 2011.

Histórico

Submetido: 10 de outubro de 2023.

Aprovado: 14 de novembro de 2023.

Licença de Uso

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito dever ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.

